

**Eliana Correia Brandão Gonçalves
Emília Helena Portella Monteiro de Souza
Norma Suely da Silva Pereira**

Organizadoras

HISTÓRIA DAS PRÁTICAS FILOLÓGICAS, LINGUÍSTICAS E SOCIOCULTURAIS DA ESCRITA

DIFERENTES PERSPECTIVAS



EDUFBA

A coletânea *História das práticas filológicas, linguísticas e socioculturais da escrita: diferentes perspectivas*

reúne trabalhos de professores e pesquisadores brasileiros de vários estados. Está dividida em três partes, que apresentam interfaces entre os percursos das práticas filológicas, linguísticas e socioculturais, em perspectivas sincrônicas e/ou diacrônicas. Na parte I, “História das práticas filológicas”, enfatizam-se aspectos necessários à leitura e à edição de documentos, ao uso de novas ferramentas das humanidades digitais, à constituição de *corpora*, entre outros. Na parte II, “Estudos de Linguística Histórica”, apresentam-se descrições e análises de dados linguístico-culturais referentes ao léxico histórico toponímico, às unidades fraseológicas e campo semântico jurídico, à morfologia histórica, à gramática e ensino. Na parte III, “Estudos de História da Cultura Escrita”, observa-se o desenvolvimento histórico das práticas sociais de ler e de escrever, com ênfase na análise da diversidade dos discursos e representações, bem como na diversidade do acesso à cultura escrita. Convidamos aos interessados nas temáticas em foco a lerem esta coletânea, na expectativa de que possa contribuir para o fortalecimento da discussão nas diversas áreas da Linguística.

HISTÓRIA DAS PRÁTICAS FILOLÓGICAS, LINGUÍSTICAS E SOCIOCULTURAIS DA ESCRITA

DIFERENTES PERSPECTIVAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Susane Santos Barros

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Comissão Científica

Adriana Valadares Sampaio (TRT)

Antonia Vieira dos Santos (UFBA)

Débora de Souza (UFBA)

Huda da Silva Santiago (UEFS)

Ione Celeste Jesus de Sousa (UEFS)

José Carlos de Araújo Silva (UNEB)

Lívia Borges Souza Magalhães (UEFS)

Maria das Graças Telles Sobral (FTC)

Norma Lúcia Fernandes de Almeida (UEFS)

Pedro Daniel dos Santos Souza (UNEB)

Renata Ferreira Munhoz (FICS)

Risonete Batista de Souza (UFBA)

Ticiane Rodrigues Nunes (UECE)

Valéria Severina Gomes (UFRPE)

Eliana Correia Brandão Gonçalves
Emília Helena Portella Monteiro de Souza
Norma Suely da Silva Pereira

Organizadoras

HISTÓRIA DAS PRÁTICAS FILOLÓGICAS, LINGUÍSTICAS E SOCIOCULTURAIS DA ESCRITA

DIFERENTES PERSPECTIVAS

Salvador
Edufba
2023

2023, autores.

Direitos dessa edição cedidos à Edufba. Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Coordenação editorial

Cristovão Mascarenhas

Assistente editorial

Bianca Rodrigues de Oliveira

Coordenação gráfica

Edson Nascimento Sales

Coordenação de produção

Gabriela Nascimento

Projeto gráfico e editoração

Josias Almeida Jr

Capa e arte-final

Rodrigo Oyarzabal Schlabit

Revisão e Normalização

Hyana Luisa Silva Oliveira

Bianca Rodrigues de Oliveira

Imagem de capa

Rodrigo O. Schlabit - imagem criada por IA
(Bing Creator)

Sistema Universitário de Bibliotecas - UFBA

H673 História das práticas filológicas, linguísticas e socioculturais da escrita: diferentes perspectivas / Eliana Correia Brandão Gonçalves, Emília Helena Portella Monteiro de Souza, Norma Suely da Silva Pereira, organizadoras. – Salvador : EDUFBA, 2023.
373 p. : il.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38557ISBN978-65-5630-551-6>

1. Filologia. 2. Linguística histórica. 3. Língua portuguesa – Escrita – História. 4. Manuscritos. I. Gonçalves, Eliana Correia Brandão. II. Souza, Emília Helena Portella Monteiro de. III. Pereira, Norma Suely da Silva. IV. Título.

CDU: 80

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/0

Editora afiliada à



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina,

40170-115, Salvador, Bahia

Tel: +55 (71) 3283-6164

edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Sumário

9 Prefácio

Sívio de Almeida Toledo Neto

11 Apresentação Diálogos interdisciplinares: Filologia, Linguística Histórica e História da Cultura Escrita

Eliana Correia Brandão Gonçalves

Emília Helena Portella Monteiro de Souza

Norma Suely da Silva Pereira

PARTE I ESTUDOS FILOLÓGICOS

29 Práticas filológicas e abreviaturas: diferentes perspectivas

Norma Suely da Silva Pereira

Carla Carolina Ferreira Gomes Querino

Luane Ribeiro Conceição

55 As mulheres no Estado Novo de Salazar: edição e análise filológica da carta de Georgina ao seu filho (1963)

Beatriz de Freitas Cardenete

Vanessa Martins do Monte

77 Filologia, Paleografia e clonagem digital: experiência interdisciplinar em interface com as Humanidades Digitais

Phablo Roberto Marchis Fachin

Celestino Bourroul Neto

99 Fontes metalinguísticas nos arquivos pessoais do IHGSE

Renata Ferreira Costa

Marcos Breno Andrade Leal

121 Notícias sobre o Arquivo Histórico da Biblioteca Fernandes Braga, da Igreja Evangélica Fluminense

Maria Elisa Lima de Souza

Leonardo Lennertz Marcotulio

PARTE II ESTUDOS DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA

147 Toponímia e os nomes de lugares históricos da Bahia

Eliana Correia Brandão Gonçalves

165 Unidades fraseológicas no campo semântico jurídico: primeiras análises em dois crimes sexuais do interior da Bahia (1907-1936)

*Daianna Quelle da Silva Santos da Silva
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz*

185 Uma avaliação das classificações verbais na tradição gramatical

*Ticiano Kilpp Leiria
Edivalda Alves Araújo*

213 Gramática e ensino de português na província de Sergipe del Rey no século XIX: *Novo systema de estudar a grammatica portugueza* (1862), de José Ortiz

*Álvaro César Pereira de Souza
Emília Helena Portella Monteiro de Souza*

**PARTE III
ESTUDOS DE HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA**

239 Escrita no Brasil quinhentista: a pontuação e outros sinais nos livros da primeira Visitação do Tribunal da Inquisição

Ana Sartori

261 *Cartas marienses*: edição filológica e análise das mãos que escrevem

*Patrícia Santos de Jesus Brito
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro*

283 O sertão por escrito no *Livro de razão*: um microcosmo da difusão social da escrita na Bahia rural oitocentista

*Adilson Silva de Jesus
Emília Helena Portella Monteiro de Souza
Zenaide Oliveira Novais Carneiro*

311 Memória familiar nas práticas de escrita dos Lopes d'Almeida: uma história social da cultura escrita na Bahia do século XX

*Ana Cristina Santos Farias
José Amarante Santos Sobrinho*

341 Práticas de cultura escrita no contexto da instrução pública no Pernambuco Imperial: um estudo dos gêneros lista e relação

*Thiago Trindade Matias
Cléber Ataíde*

367 Sobre as organizadoras

369 Sobre os autores

Memória familiar nas práticas de escrita dos Lopes d'Almeida: uma história social da cultura escrita na Bahia do século XX

*Ana Cristina Santos Farias
José Amarante Santos Sobrinho*

Introdução

Os referenciais teóricos e metodológicos que orientam os estudos da cultura escrita, nas últimas décadas, têm passado por profundas modificações, sobretudo pela vocação interdisciplinar desse campo. Essa aptidão tem proporcionado o diálogo com distintas disciplinas e permitido que pesquisadores de diversas áreas se debrucem sobre o objeto escrito como prática cultural que está além da habilidade gráfica, com variadas problematizações que, antes de soarem fragmentárias, imprimem riqueza de análise sobre o item pesquisado.

De acordo com Antonio Castillo Gómez (2017, p. 61), a História Social da Cultura Escrita (HSCE) é “[...] um campo de investigação que não pode ser monopolizado por nenhuma disciplina”, de modo que trabalhos de variadas áreas têm sido realizados em torno dos arquivos de família. Tais arquivos são documentos privados que, graças à expansão dos estudos historiográficos, têm oferecido novas perguntas

e novas interpretações aos fenômenos sócio-históricos ligados aos atos de ler e de escrever. Tal empreendimento é possível graças à renovação da HSCE, cuja abordagem considera os testemunhos de caráter não oficial, oriundos de mãos subalternas, como importantes objetos de investigação que desafiam os pesquisadores a renovarem as questões e o já dito sobre determinados processos históricos. Assim, desde as últimas décadas do século XX, livros de família, diários pessoais, diários de viagem, cartas, livros de contas, cartões postais e uma lista interminável de outros documentos ignorados pela historiografia tradicional foram alçados a objetos de estudo.

O aporte de pesquisadores como Roger Chartier (1990),¹ com as noções de práticas e representações, fez emergir a História Cultural do Social, perspectiva atenta aos modos pelos quais os indivíduos e grupos dão sentido à realidade que os cerca, interessando-se pelos sujeitos produtores e/ou receptores de cultura. Contudo, a pedra angular que deu base à HSCE teve a contribuição fundamental do paleógrafo Armando Petrucci,² para quem a pesquisa em torno das práticas de escrita deve considerar sua difusão social, a quantidade de indivíduos que efetivamente escrevem e leem, a identificação dos destinatários dos textos produzidos e sua função social. Ao introduzir as questões “quem?” e “por que escreveu?”, Petrucci (1999) deu nova dimensão à metodologia empregada nos tradicionais estudos paleográficos, que até então estavam restritos às questões de viés erudito-positivista – o quê?, como, quando e onde o texto foi produzido? De acordo com Castillo Gómez (2017, p. 59), era o momento de investigar a “[...] escrita como tecnologia de registro e comunicação, na sua distribuição social, nos produtos nos quais se concretiza e [...] nas funções que estes desempenham”.

A resposta às questões “quem?” e “por que escreveu?” conforme o *locus* teórico-metodológico da HSCE, perspectiva na qual a investigação

1 As noções de práticas e representações, concebidas por Chartier, foram fundamentais para que a cultura fosse observada do ponto de vista da produção e da recepção, com respeito não somente às práticas culturais do editor ou do autor de um livro, mas também às práticas culturais dos leitores.

2 Na Itália, essa perspectiva teve como marco o Seminário de Perugia no ano de 1977, entretanto tais ideias vinham sendo gestadas por Petrucci desde os anos 1960, conforme Castillo Gómez e Sáez (2016).

aqui textualizada se inscreve. Além dessa metodologia que recobre os trabalhos nesse campo, a leitura minuciosa dos documentos permitiu a definição do olhar teórico demandado sobre os testemunhos de forma particular, de maneira que o acervo foi analisado conforme o perfil do escrevente e a função social identificada em cada prática de escrita. Desse modo, os estudos sobre a escrita privada e ordinária, autobiografia, memórias, arquivos de família e a Análise do Discurso³ foram fundamentais à compreensão dos usos sociais e das funções dos escritos dos Lopes d'Almeida.

Este trabalho está calcado no objetivo do campo 3 do grupo de pesquisa História da Cultura Escrita no Brasil (Hisculte), que é: “[...] trazer à luz e analisar as práticas de escrita de cartas particulares, diários íntimos, [...] cadernos escolares, cadernos de confidências, livros de razão e uma infinidade de outras fontes [...]”.⁴ Especialmente, o objetivo da pesquisa ora apresentada é “identificar os gêneros textuais produzidos por Egydio Lopes d'Almeida e seus descendentes”. Metodologicamente, serão elencados os gêneros e suas funções sociais e os motivos por que foram produzidos e preservados. Trata-se de um acervo elaborado de forma orgânica por uma família que escreveu e guardou, por um século, variados textos.

O patriarca, Egydio Lopes d'Almeida, teve sua prática investigada por Ana Cristina Santos Farias (2014) e posteriormente descobriu-se a prática de escrita de seus descendentes. Trata-se de fontes privadas às quais se teve acesso a partir do contato com a guardiã do acervo, Ana Elisabete Bezerra Xavier Coutinho, que colaborou para a pesquisa com entrevista semiestruturada, diálogos informais e sobretudo dando acesso ao baú de escritos da família.

3 Ver: Castillo Gómez (2003a, 2003b, 2004, 2006, 2017), Castillo Gómez e Sáez (2016), Artières (1998), Lejeune (2008), Foisil (1991), Lins de Barros (1989), Orlandi (1987, 2007).

4 Ver: <https://www.prohpor.org/wwwprohpororghisculte>.

Egydio Lopes d'Almeida: *Livro do papai*

O primeiro documento do acervo dos Lopes d'Almeida é o *Livro do papai*,⁵ escrito por Egydio Lopes d'Almeida, nascido em 18 de julho de 1863, em Vila do Soure (BA). Conforme ele próprio relata, no ano de 1870, nessa mesma vila, ingressou no colégio do professor José Antônio de Oliveira Machado. Anos mais tarde, teve aulas de língua portuguesa e de francês com o padre Urbano Cecílio Martins. Era topógrafo, mas suas habilidades lectoescritoras o levaram a exercer atividades como as de conselheiro municipal e intendente interino no município de Juazeiro (BA). Em 1896, casou-se com a professora Isabel Carolina de Carvalho. Cinco de suas filhas foram normalistas⁶ – Maria Elisabeth, Edith e Graziella, que se tornaram freiras; Idália, que faleceu no ano de 1921, antes de se ordenar; e Elisabeth, que se casou e migrou para Salvador (BA). Seu único filho, Aristhenes, era bibliotecário num convento de ordem franciscana, onde vivia como leigo.

O suporte dos escritos de Egydio Lopes d'Almeida é um caderno com 99 folhas, de 18,7 x 25 cm e a mancha gráfica é de 17,5 x 24 cm. A letra é cursiva, inclinada para a direita e grafada com tinta ferrogálica. As páginas são pautadas a lápis e separadas por um plástico. Os textos presentes no volume são: “Genealogia e Odysséa” (f. 2r-12v); “Nota” (postumamente inserida) (f. 13r-13v); e “Roteiro de Viagem de Juazeiro a Pirapóra” (f. 18r-43r). Em alguns fólios há vestígios de restauração, gesto que evidencia o interesse familiar na conservação do documento.

A palavra “memória” não consta no título “Genealogia e Odysséa”, mas as marcas discursivas desse gênero estão presentes em seu texto, que, a partir de sua ascendência familiar, aborda sua vida pública, mas também sua vida privada. O título, inspirado por obras clássicas da Antiguidade, remete a universos intrinsecamente relacionados com a escrita de memórias. Considerando as duas expressões isoladamente, tem-se na primeira uma alusão ao gênero genealogia, cuja função principal

5 Título datilografado que identifica o volume, possivelmente inserido por um descendente.

6 As escolas normais foram criadas para formar professores(as) para atender ao aumento da demanda escolar, “[...] mas tal objetivo não foi alcançado [...] como se imaginava: pouco a pouco os relatórios iam indicando que [...] as escolas normais estavam [...] e formando mais mulheres que homens”. (LOURO, 2004, p. 449)

na Europa medieval era “[...] a reconstrução social da memória familiar [...]” a partir da lista de antepassados, conforme José d’Assunção Barros. (2011, p. 76) Já a segunda remete às narrativas épicas. É um título bastante apropriado ao gênero “memórias”, que tem a vida do autor do testemunho como assunto principal. Mas a vida do autor se realiza em presença de um outro, de outros. Nesse sentido, Philippe Lejeune (2008) diz que a inserção de outros sujeitos serve para lapidar a imagem idealizada e, no caso de Egydio, o registro da posse de terras de sua família e de sua ascendência europeia é elemento necessário para demarcar seu status no tempo e lugar a partir dos quais narra suas memórias.

Meu pae – Quintino José d’Almeida, proprietario e negociante, filho de Leandro José d’Almeida e D. Firminia Bazília d’Almeida, agricultores, naturaes da Villa do Soure. Minha mãe D. Carolina Lopes d’Almeida, filha de José Chripim da Cunha e D. Josephina Lopes da Cunha. Elle filho de Manoel José da Cunha, [...] e D. Anna Maria da Cunha, e minha avó filha de Manoel Lopes e D. Maria Anna Lopes, [...] da tradicional familia do ‘Morro dos Lopes’, = da Villa da Conceição do Coité, Comarca de Feira de Sant’Anna, nesta então Província. Quer do lado materno, quer do paterno, todos de procedencia directa de portuguezes. (LOPES D’ALMEIDA, 1909, f. 2v).

O detalhamento sobre sua ascendência pode ser revelador de uma prática de escrita iniciada por seus antepassados, inclusive pelo fato de seu pai ter sido negociante, atividade que exigia o uso da escrita. Os pormenores acerca de um passado mais remoto ao tempo em que escreve pode indicar uma prática de escrita anterior ao momento de sistematização de seu texto, tendo se originado em anotações de um livro de contas, por exemplo. Assim, cumpriu-se aquilo que Madeleine Foisil (1991) disse sobre a evolução histórica dos livros de razão para os diários íntimos, ou seja, as anotações tornaram-se, aos poucos, mais pessoais. Isso é observável na escrita de Egydio, sobretudo quando relata o nascimento de seus filhos:

Aristhenes (Tininho) em 18 de Julho de 1898, 40 minutos para uma hora da manhã do dia 2^a.feira e baptizou-se em 18 de Março de 1899, na Igreja d’esta Cidade pelo Pe. Jorge e foram seus padrinhos Alfredo Lassance Marback e D. Arlinda Andrade. Falleceu a 18 de Abril de 1901,

na Fazenda Oiteirinho e sepultou-se no Cemiterio de Serrinha. (LOPES D'ALMEIDA, 1909, f. 5v, 6r).

Embora trate de sua vida pública, a vida familiar surge nos momentos de dor, como ao narrar a morte do filho Tininho: “Ainda lhe conservo na memoria e é tão grande a extensão que delle me separa como a saudade desoladora de meu coração!”. (LOPES D'ALMEIDA, 1909, f. 5v, 6r) E sobre a perda de sua filha Eunice (Sizinha) “É impossível discrever o transe de minh'alma cheia de magua e saudade pela filhinha amavel e insinuante que a todos prendia com sua meiguice [...], áquem eu chamava 'meu santo'! – Trop sentir c'est bien souvant se taire”. (f. 6v-7r.) Essa exposição é pouco usual no gênero memórias mais restrito. A dimensão do afeto, segundo Stella Maris Scatena Franco (2017), também é incomum na escrita masculina. Ao discutir uma suposta distinção entre escrita de viagem feminina e masculina, a autora, com quem se há de concordar, defende que “[...] certos contrapontos tornam problemática a ideia de uma estrita oposição entre as esferas 'feminina' e 'masculina'”. (FRANCO, 2017, p. 1) Conforme diz, há práticas de escrita feminina mais pragmáticas, como há “[...] uma escrita intimista de autoria masculina”. (FRANCO, 2017, p. 36)

Os escritos de Egydio apresentam sua visão acerca da educação, da cultura e da política de sua cidade, mas também da Bahia e do Brasil. Ele registrou eventos como a Exposição Nacional de 1908,⁷ aspectos da cultura ribeirinha, da fauna e da flora da região. Seus manuscritos revelam um homem culto e socialmente engajado, associado a associações como a Filarmônica Apollo Juazeirense e o Clube Comercial. Os valores que regiam sua vida estão impressos em sua escrita, como no trecho em que narrou a emoção pela Abolição da Escravatura: “[...] quando tivemos conhecimento do Decreto nº. 3353 de 13 de Maio de 1888, que extinguiu o elemento servil, éra extaordinario o movimento dos libertos que tomavam a trouxa com um vae-vem desorientado, uns perplexos e outros entre commovido e atonitos!”. (LOPES D'ALMEIDA, 1909) Para ele, a reação dos libertos foi singular: “Poucos fôram os que

7 Conforme Decreto nº 6.545, de 4 de julho de 1907, o evento celebrava o centenário da abertura dos portos.

se conformaram com os salários, para permanecerem nos antigos lares”. (LOPES D'ALMEIDA, 1909, f. 3r) Ele registra a visão que tinha de si frente à escravidão:

[...] Eu rendo um culto de homenagem á Princeza D. Isabel, bem denominada 'a Redemptora', por que sempre tive idéas liberaes e anti-escravocratas, e lembra-me ainda da satisfação que senti, apesar do prejuizo notável, de ver a mancha que aviltava o paiz completamente extincta pela abolição. (LOPES D'ALMEIDA, 1909, f. 3r)

Não escaparam à sua pena impressões acerca dos efeitos econômicos para o país. Ressalte-se, no entanto, que esse perfil progressista é criação do autor, forjado para a posteridade, com a noção que quer transmitir para seus leitores. (FOISIL, 1991) Trata-se de uma autoimagem lapidada, passada a limpo, conforme Phillipe Artières (1998). A ideia de verdade está ligada à experiência dos indivíduos, às suas próprias convicções, como afirmam Pierre Bourdieu (1996) e Angela de Castro Gomes (2004).

O segundo gênero escrito por Egydio foi nomeado de “Roteiro de Viagem de Juazeiro a Pirapóra”. Em sua acepção náutica, um roteiro é um livro “[...] onde se descrevem minuciosamente o litoral, ilhas, baixios, pontos, regimes de ventos, de correntes e de chuvas, faróis e outros dados de interesse para a navegação”. Ou ainda: “[...] descrição pormenorizada de uma viagem, itinerário”. (FERREIRA, 1986, p. 1524) O título dialoga com o texto de Egydio, que identificou os locais por onde passou, anotou distâncias, descreveu a topografia do local etc., mas seu texto extrapola essas descrições, caracterizando-se como um diário de viagem, pois apresenta marcas discursivas desse gênero textual – tais como narração em retrospectiva, datação, identificação e caracterização de aspectos socioculturais dos locais etc. Embora alguns elementos sejam comuns aos dois gêneros, a função social do texto de Egydio dirime qualquer dúvida que subsista, pois a viagem que deu origem à redação do diário era parte de um serviço regular de transporte, realizada por mais de um navio, implantado desde o ano de 1871, quando se iniciou a navegação com navios a vapor na região do médio São Francisco. (GARCEZ; SENA, 1992) Sendo um percurso

rotineiro, não se justifica a existência de um roteiro, cuja função social seria a de orientar outros navegadores.

Egydio viajou no vapor Prudente de Moraes, de Juazeiro (BA) a Pirapora (MG), no período 15 de março a 14 de abril de 1909. Embora tenha sido minucioso no relato dos horários de chegada e de partida do navio, bem como sobre a geografia dos locais por onde passou, sua narrativa omitiu impressões sobre o dia a dia na embarcação: os passageiros, a tripulação, as acomodações, a alimentação etc. As raras menções às condições de viagem excluía seus sentimentos frente às situações.

Se a manutenção de um diário íntimo resulta de uma prática cotidiana do diarista, de sua existência ordinária, os diários de viagem relatam o transitório, “[...] uma representação e uma memória, [...] durante uma fase excepcional de sua existência”. (HÉBRARD, 2000, p. 30) Esse é também um trabalho de memória no qual o sujeito busca eternizar as impressões do vivido. Ao mesmo tempo em que esse registro é para seu prazer e recordação, é uma forma de se perpetuar junto aos seus, mostrando sua sensibilidade e experiências vividas.

Se, por um lado, as observações a respeito do cotidiano escapavam à pena de Egydio, por outro lado, seu texto materializa as representações que fazia da cultura, da educação, das tradições etc., ao tempo em que, como prática cultural, representa quem ele era. Suas memórias, seu arquivamento por escrito, permitiram-lhe a organização de dados sobre si e sobre o espaço e a sociedade de que fez parte, transmitindo sua forma de pensar e seus valores. (ARTIÈRES, 1998) Tais gestos, conscientes ou não, demonstram seu desejo de difusão da escrita, ainda que para um público restrito, como seus descendentes. Revelam o desejo de permanência mesmo que em âmbito privado e promovem o reencontro com a própria história, como diz Ana Chrystina Venancio Mignot (2005). Assim, a resposta mais crível para a questão “por que escreveu?” está na epígrafe de suas memórias: “*A memória é para cada homem uma parte de sua moralidade; Ai de quem não tem memória*”.⁸ (LOPES

8 Texto original: “*Le souvenir est pour chaque homme une parti de sa moralité; malheur a qui n’a pas de souvenir*” O trecho foi citado a partir de um discurso proferido pelo filólogo francês Ernest Renan no ano de 1891, por ocasião do encontro dos Félibres, movimento em prol da língua e da cultura da Occitânia. Ver: <https://www.occitanparis.com/images/stories/documents/Francesca-Celi-Felibres-et-Cigaliers.pdf>.

d'ALMEIDA, 1909, f. 2r, grifo e tradução nossa) Egydio revela a representação que sua escrita tinha para si e, nesse sentido, seu desejo de duração se cumpriu, como atestam as práticas de escrita mantidas por seus descendentes ao longo do século XX.

Maria Elisabeth Lopes d'Almeida: “aos meus a quem muito quero”

A primeira descendente de Egydio a manter uma prática de escrita cujos textos foram preservados foi Maria Elisabeth Lopes d'Almeida, primeira guardiã do *Livro do papai*. Segundo os escritos de seu pai, ela nasceu em Juazeiro (BA) em 1º de maio de 1897 e foi batizada no dia 6 de junho do mesmo ano pelo Padre Oliva. Formou-se na Escola Normal, da capital baiana, e ingressou na Congregação das Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus, no Rio de Janeiro, ordenando-se como Irmã Maria Evangelina, nome com o qual assina seus escritos.

O texto manuscrito por Irmã Maria Evangelina, à pena e tinta ferrogálica, datado de 22 de fevereiro de 1941, acha-se num volume bem conservado, originalmente encadernado, com capa em papel cartão, medindo 11,5 x 15,5 cm, com 95 folhas pautadas, sem margens, das quais 22 estão manuscritas. A numeração foi inserida à mão apenas no lado recto, na parte superior direita, iniciando no fólio 1 com o número 2, indo até o fólio 16 com o número 17. A identificação da autora aparece abreviada: “Ir. M. E.” Trata-se do Livro de família 1 (ALMEIDA, 1941, f. 1r) Sabe-se que era pessoa culta para os padrões femininos da época⁹ e que, além de formada pela Escola Normal, teve acesso à cultura escrita em ambiente privado, visto ser filha de uma professora de Primeiras Letras e de um homem letrado, o que favoreceu o acúmulo de capital cultural. (BOURDIEU, 2007)

O convento, espaço em que as mulheres historicamente tiveram acesso às práticas lectoescritoras, conforme Leila Mezan Algranti (2001), deu lastro à prática de escrita de Irmã Maria Evangelina. Contudo, conventos e recolhimentos, que eram importantes lugares de produção

9 De acordo com Ferraro (2002), 61,2% da população com cinco anos ou mais ainda não era alfabetizada em 1940.

escrita para a mulher, não ofereciam liberdade de produção, como alerta Castillo Gómez (2006). A prática de escrita mantida nesses espaços era vigiada e sujeita ao crivo institucional. Embora as mulheres conseguissem se apropriar de uma prerrogativa genuinamente masculina,¹⁰ em seus escritos prevalecia “La pluma de Dios”. (CASTILLO GÓMEZ, 2006, p. 185) Assim, o texto escrito por Irmã Maria Evangelina está eivado das características do discurso religioso, marcadamente injuntivo, que diz respeito ao tipo textual que estabelece normas que orientam as práticas sociais – o que está associado ao caráter ideológico da escrita. (BAKHTIN, 2003b) A tipologia injuntiva é identificável em diversos gêneros da vida privada e, claro, no texto religioso, parte da biblioteca dos que professam alguma religião. Assim, como católica que era, essa tipologia esteve presente nas práticas orais e escritas de Irmã Maria Evangelina e família.

Os tipos textuais, definidos por Marcuschi (2008) em bases bakhtinianas, são construções teóricas determinadas pela natureza linguística que as compõe, sendo suas marcas reveladas na superfície textual, conforme a intencionalidade do autor, das suas escolhas lexicais, sintáticas, estilísticas etc. A injunção permeia a escrita da freira, expressando-se no modo imperativo afirmativo, flexão muito própria dos verbos predominantes nesse tipo textual, que assinalam sua retórica nas recomendações que faz: “Cada dia levanta-e-vos cedo com a intenção de agradar a Deus. [...]. Tomae um bom livro e fazei uma pequena meditação”. (ALMEIDA, 1941, f. 9r)

Além do modo imperativo, cuja carga semântica evidencia a intenção de aconselhar e orientar de forma direta, há outras construções que sugerem os passos que os leitores devem seguir para alcançar determinado objetivo, deixando-lhes a autonomia da escolha. Assim, a Irmã escreveu: “Para fazerdes a vontade de Nosso Senhor e viverdes como Elle quer observa-e este pequeno regulamento”. (ALMEIDA, 1941, f. 11r) Percebe-se que a recomendação se insinua como ato opcional, apenas se desejada pelos leitores. Mas essa opção não existe de verdade, embora o enunciado possa dar essa ideia. O discurso religioso revoga

10 A esse respeito, ver: Cardona (1994).

a autonomia expressa nas palavras, pois se trata de seguir as leis de Deus. Nenhum crente está disposto a questioná-Lo! Observa-se aí um apelo à formação cristã de seus leitores, que a veem numa posição de interlocutora privilegiada entre o céu e a terra. Adilson Citelli (2002, p. 21) denominou esse recurso de “raciocínio retórico”, aquele “[...] capaz de atuar junto a mentes e corações, num eficiente mecanismo de envolvimento do receptor”. Para Citelli, as formações discursivas de âmbito religioso são as mais persuasivas, pois não dão margem para questionamento daquele que fala, visto que sua voz é “plasmada” por Deus, restando apenas a noção de dogma.

O pensamento dogmático é monológico (BAKHTIN, 2003a), aquele do qual a alternância é subtraída. O discurso monológico se opõe ao dialógico, pois é blindado, é o discurso autoritário, o que não pode ser retrucado. O discurso religioso, imbuído da palavra sagrada, barra o fluxo de respostas e impõe o modo de recepção como aceitação do dito, que expressa não apenas a vontade daquele que escreve, mas principalmente a vontade de Deus.

Nessa mesma linha de raciocínio, Eni Orlandi (1987, p. 244) diz que o discurso religioso é autoritário, pois se referencia em si mesmo, o que lhe confere um aspecto monossêmico. Assim, todo discurso é incompleto e seu sentido se realiza na “[...] relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social [...]”. O discurso autoritário escapa à dinâmica de produção de sentidos que dá aos discursos não autoritários um caráter polissêmico.

Lígia Bellini (2006-2007), investigando a vida conventual no Antigo Regime, alude à prática retórica e disciplinar da modéstia das freiras místicas. A Irmã Maria Evangelina também não se enaltecia ou se colocava num patamar acima daqueles a “quem tanto queria”, colocava-se como criatura vulnerável:

Nós somos pobres criaturas. Dependemos d’Elle em tudo e para tudo. Somos só miséria e pecado [...]. Nada podemos sem Elle, não só nas cousas espirituas e elevadas, mas até nas mais simples e materiaes como seja apanhar um papelinho no chão. (ALMEIDA, 1941, f. 2v)

Embora seu texto esteja assinado e ela se arvora a aconselhar sua mãe e irmãos, o faz em nome de Deus, pois se considera sujeita aos mesmos erros que todos. Assim, as recomendações não são suas, mas de Deus. A Irmã afirma não ter a santidade necessária para indicar os caminhos, mas a palavra de Deus certamente a tem. Esse parece mais um gesto de convencimento do leitor que, seguindo suas orientações, segue aquilo que Deus espera de um bom filho. Para reforçar suas palavras, a Irmã introduz uma citação: “Vêde os passarinhos do céu que não semeiam nem colhem e os lírios dos campos que se vestem melhor do que Salomão”. (ALMEIDA, 1941, f. 3v) É um trecho do Sermão da Montanha, que aparece em Mateus 6:25-34 e em Lucas 12:26-34. A palavra de Deus é evocada como reforço para sua recomendação.

Como franciscana que era, a Irmã recomendava as virtudes da pureza, da humildade e da pobreza: “[...] lembrae-vos de quantos males sois capazes sem a graça de Deus e sede humildes. Para serdes humildes é preciso que vos julgueis inferior a todas as outras criaturas e gosteis das cousas humildes [...]”. (ALMEIDA, 1941, f. 8v) Seu texto tem como função primordial orientar seus familiares com conselhos para uma vida devota a Deus. É possível que neste trecho ela se dirija mais aos jovens sobrinhos do que propriamente à mãe ou aos irmãos:

Sabeis bem como Jesus ama a santa Pureza. Praticae-a, pois, evitando tudo que pudesse diminuir-lhe a beleza. Fugi das más companhias [...] Fugi das festas ou passeios [...] e entre todas as festas detestae o Carnaval, [...] porque arranca a Deus do coração de muitos e esfria o amor [...]. (ALMEIDA, 1941, f. 10r-10v)

E assim a Irmã Maria Evangelina segue com recomendações diárias, semanais, mensais e anuais, conforme a fé católica.

Cada dia, levantae-vos cedo com intenção de agradar a Deus. (f. 11r) [...] Cada semana, ide á Santa Missa [...] (f. 12v) Cada mez, Honrae o Sagrado Coração de Jesus, [...] (f. 3r) Honrae ao Coração Imaculado de Maria nos Primeiros Sabados de cada mez, pedindo pelas vocações sacerdotaes. [...] Cada anno, Fazei a Paschoa confessando e comungando [...]. (ALMEIDA, 1941, f. 13r)

A leitura é uma das sugestões da freira. A leitura edificante, capaz de alimentar a alma, o que exclui os gêneros da leitura extensiva (CHARTIER, 1991), sobretudo os romances: “Tomae um bom livro e fazei uma pequena meditação”. (ALMEIDA, 1941, f. 11r); “A hora que puderdes fazei uma leitura espiritual na Imitação de Christo¹¹ ou em outro livro piedoso”. (ALMEIDA, 1941, f. 11v)

É patente a estima aos escritos do pai e aos valores familiares: “Lembrae-vos sempre do exemplo e dos ensinios de nosso Pae, de santa e saudosa memoria, e lêde a sua ‘Odisséa’, para que a sua vida sirva de norma à vossa”. (ALMEIDA, 1941, f. 15r) E prossegue: “Como nossos Paes, não consintaes que diante de vossa presença se diga a menor cousa contra um Sacerdote”. (ALMEIDA, 1941, f. 15v) Nesses excertos, os principais interlocutores são seus irmãos, pois ela faz referência aos “nossos Paes” como modelos de conduta. Já no segundo trecho, talvez aí resida algumas respostas para os sentidos das práticas de escrita mantidas em família. A vida do pai é vista como santa e um modelo a seguir. Isso remete a uma prática análoga mantida nos conventos, em que as internas têm que ler as hagiografias dos santos e as vidas exemplares de freiras que deixaram suas memórias escritas. (ALGRANTI, 2001)

Percebe-se que o *Livro do papai* está revestido de grande importância e que não é apenas um documento numa gaveta. Antes, é um material difusor dos valores familiares, e Irmã Maria Evangelina demonstra isso claramente: “O meu desejo é que leiam essas páginas todos os dias!”. (ALMEIDA, 1941, f. 2r) Suas palavras expressam o anseio de criação de “lugares de memória” (NORA, 1993) e plena “consciência do valor da escrita enquanto suporte da memória”. (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 223) Tais gestos respondem à questão “por que escreveu?”, tendo em vista a função social de seu escrito, que oferece normas para uma vida pia, com recomendações abrangendo o cotidiano, as semanas, os meses e os anos. Escreveu para orientar os seus a viverem de acordo com a fé católica e a alcançarem um “lugar no céu”. Seu texto se ocupa ainda da difusão e da preservação dos valores familiares presentes nas memórias de seu pai – “homem santo” de vida exemplar.

11 Livro que tem formado cristãos desde a Idade Média, de autoria de Tomas de Kempis (Alemanha, 1380-1471). Ver em: <http://imitacaodecristo.50webs.com/>.

Célia Almeida Gil Ferreira: cotidiano familiar e autocensura

Das netas de Egydio, duas mantiveram uma prática de escrita privada: Clélia Almeida Gil Ferreira – a segunda guardiã do *Livro do papai* – e Célia Almeida Gil Ferreira, filhas de Elisabeth Almeida Gil Ferreira e de Vladmir Gil Ferreira. Célia nasceu em 30 de abril de 1927, em Salvador, onde o casal fixou residência após o matrimônio. Célia tinha curso de Técnica em Contabilidade pela Faculdade de Ciências Econômicas. Embora haja vários registros em sua carteira de trabalho, ela teve apenas um emprego formal. Os demais registros foram realizados para que ela, recolhendo os impostos, tivesse direito à aposentadoria, conforme declarou sua filha Ana Elisabete. Observa-se nesse gesto que nem sempre os documentos, ainda que oficiais, são portadores da “verdade”. Percebe-se também uma apropriação da escrita como um instrumento capaz de criar realidades. Assim, cabe ao pesquisador realizar uma leitura atenta dos documentos, desvendando as camadas de sentido por trás dos escritos.

A morte de Clélia, no ano de 1986, foi decisiva para a mudança no teor dos escritos de Célia, que queimou os seus próprios diários e possivelmente os da irmã, para preservar a privacidade de ambas.¹² Desde então, sua intimidade foi silenciada, embora seus textos ainda abordassem suas relações pessoais e o cotidiano doméstico. Célia tornou-se a terceira guardiã do *Livro do papai* e enriqueceu o acervo familiar com sua escrita ordinária (FABRE, 1993):

Quadro 1 - Gêneros textuais produzidos por Célia Almeida Gil Ferreira

GÊNERO	TEOR	PERÍODO
Livro parental	Sobre o nascimento de sua primeira filha	1953
Livro de família 2	Datas e fatos importantes 1	1974-1995
Livro de família 3	Datas e fatos importantes 2	1974-1995

12 Há duas informações acerca do destino dos diários de Clélia: a) foram queimados após a leitura juntamente com os diários de Célia; b) Extraviaram-se após a leitura de Célia. Como Clélia era solteira e sem filhos, cremos na primeira possibilidade, pois pensamos que Célia herdou os escritos da irmã, assim como confirmadamente herdou o *Livro do papai*, então sob a guarda de Clélia.

GÊNERO	TEOR	PERÍODO
Diário de viagem	Viagem ao Rio de Janeiro	15/09/1984-22/10/1984
Diário 1	Escrita cotidiana	01/01/1991-31/12/1991
Diário 2	Escrita cotidiana	01/01/1992-31/12/1992
Diário 3	Escrita cotidiana	01/01/1993-31/12/1993
Diário 4	Escrita cotidiana	01/01/1994-31/12/1994
Diário 5	Escrita cotidiana	01/01/1995-31/12/1995
Diário 6	Escrita cotidiana	01/01/1996-31/12/1996

Fonte: Farias (2023).

O *Livro parental* narra os quatro primeiros meses de Ana Elisabete, primeira filha de Célia com o agente de navegação José Bezerra. Trata-se de uma caderneta em espiral, de 100 folhas não numeradas, das quais restaram apenas 12. Célia descreve o sucesso de seu parto e as características da bebê, relata as visitas que receberam e os presentes que levaram: “Ganhou dos vizinhos: 2 talcos Jhonson e 1 cx. de sabonetes. Petit: veio de Camaçari ver a nenen. Já tinha trazido um medalhão do anjo da guarda para pindurar no berço”. (FERREIRA, 1953, f. 3r) Tal testemunho oferece noções sobre a maternidade e a primeira infância entre a classe média naquele meado de século. Na capa do suporte, em papel cartão, estão manuscritos: “Compromissos e Obrigações” e “Abril”. Esse título denota uma prática de escrita diária, que excede o evento do nascimento de sua filha.

No *Livro de família 2*¹³ há anotações, em ordem cronológica, sobre fatos importantes acerca de seus filhos e netos. No início, há uma espécie de sumário, com cinco seções: a) “Meus filhos Datas e fatos importantes; b) Nossa Casa Nº na Prefeitura – Escritura – etc; c) José Registro – Título – etc; d) Célia Registro – Título – Diploma –; e) Meus Netos”. (FERREIRA, 1974, f. 1) Cada filho(a) tem o nome indicado numa subseção. São registros de batizados, vacinas, doenças infantis, acidentes, cirurgias, colégios frequentados, casamentos, separações etc. Apesar do caráter objetivo e da síntese de informações, de vez em quando as anotações ficam mais pessoais. Isso ocorreu, por exemplo, na ocasião da morte de seu filho José Bezerra Filho, assassinado em 24

13 50 das 59 folhas foram preenchidas. A folha 60 foi subtraída do volume.

fevereiro de 1972, aos 18 anos, como também ao registrar uma cirurgia a que sua filha foi submetida: “Hoje 18-03-83 Ana foi operada. Foi uma gravidez na trompa (lado direito). Pena porque ela estava muito contente de estar grávida. Deus sabe o que faz. Ela passa bem. Médico Frederico Gabrielle”. (FERREIRA, 1974, f. 33v)

O *Livro de família 3* substituiu o anterior, que foi copiado para o novo volume. A organização do livro expressa um gesto de rememoração e denota desejo de conservação dos escritos. As anotações foram reorganizadas por mês, com todos os eventos importantes ocorridos entre os anos de 1974 e 1995. A nota sobre a cirurgia da filha, no novo volume, foi sintetizada na aba do mês de março: “1983 Dia 7 – Ana com gravidez tubária. Vai operar; 18 – Operação Ana. Tirou a trompa lado direito”. (FERREIRA, 1995a, f. 23v) O distanciamento temporal parece tornar o registro menos emotivo. Na página inicial do *Livro de família 3* (1995b, f. 1r), uma anotação esclarece seu conteúdo:

Filhos

A partir de 1974, resolvi anotar fatos importantes ou acontecimentos que de alguma forma marcou, na época, a vida de algum de de (sic) vocês e por consequência a minha. O caderno estava velho e Cadito me deu esta agenda sem datas e dias fixos; resolvi passar à limpo tudo. Fica mais claro e sem borrões ... mês a mês registro o ano e o dia do acontecimento. Beijinhos.

Eu

Os escritos de Célia abordam eventos extraordinários, fatos importantes que marcaram o grupo a partir de 1974, como também observações sobre a sua vida familiar no *Livro de família 2* (1974): “Abril – 1975 – Yeddo proibiu Graça de estudar. É um duro golpe para nós. Não há motivo. Só ciúmes.”, escreveu Célia a respeito da relação de posse do genro sobre sua filha.¹⁴ Seus livros de família dão conta da coletividade. Já seus diários tratam de assuntos corriqueiros da vida privada, de projetos e de lembranças. O tempo demarcado das agendas,

14 Em janeiro de 1974, Graça foi aprovada no vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA) para a área Z, Ciências Exatas, opção Engenharia Civil. Ela e Yeddo se casaram em abril de 1974. Em abril de 1975, ele a proibiu de estudar. Graça retornou à universidade, com consentimento do marido, em fevereiro de 1977, o que foi muito comemorado por Célia.

suportes dos diários, facilita não somente as anotações cotidianas, mas também evidencia as interrupções de registro. Há notas sintéticas sobre seu estado pessoal – “Passei o dia em paz. Arrumei – passei. Tudo bem”. (FERREIRA, 1991) – e anotações mais reflexivas:

Dia dos Paes.

Domingo angustiado. Falei com todos os filhos e genros mas não quis ir a lugar algum. Não me senti bem. acho que estava depressiva.

Mas confio em Deus e Ele levantará minha moral e concretizará a esperança!

E parece que tudo se resume em dinheiro! Cada vez mais vil e necessário...

Comecei remédio (anotado na margem). (FERREIRA, 1995a)

Célia escrevia quase todos os dias: pequenas notas acerca de compras ou pagamentos, medicamentos ingeridos, registros sobre sua saúde, relações com seus familiares, sessões com a manicure, se saía ou permanecia em casa etc. Muitas vezes utilizava as margens e as contracapas das agendas para anotações rápidas e fazia correções em relação a informações equivocadas. Em entrevista, Ana Elisabete disse que Célia mantinha um caderninho no qual fazia pequenas anotações ao longo do dia e passava a limpo à noite.

A profusão de temas em seus escritos, inclusive certos dissabores que não foram silenciados, suscita inquietação sobre a autocensura ao queimar seus diários. Conforme Artières (1998, p. 10), quando escrevemos um diário realizamos uma triagem em relação ao que reter ou dispensar e “[...] quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós. Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias”. Tal contradição aparece na prática de Célia, que registra pequenas discórdias cotidianas, mas teve um gesto radical de silenciamento sobre o já dito, queimando um baú de escritos.

Silêncio e silenciamento, por caminhos distintos, levam a muitos sentidos. De acordo com Orlandi (2007, p. 13), “O nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio. Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio [...]”. Há uma escolha acerca do que deve ser dito ou omitido, conforme Artières (1998). Assim, o silêncio é parte do arquivamento de si e o que é ocultado tem relação com a imagem criada de si. Contudo, o silenciamento, que não é o silêncio, é cheio de significados ideológicos. Há no silenciamento

“[...] um processo de produção de sentidos silenciados [...]”. (ORLANDI, 2007, p. 13)

De acordo com Michelle Perrot (2005, p. 10), o silêncio é “[...] disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar [...]”. Segundo a autora, talvez por pressentirem a incompreensão de seus herdeiros, algumas mulheres se adiantam em apagar seus vestígios, num gesto de “[...] adesão ao silêncio que a sociedade impõe às mulheres, [...]”; um consentimento à negação de si que está no centro da educação feminina, religiosa ou laica, e que a escrita – assim como a leitura – contradiziam”. (PERROT, 2005, p. 37)

O gesto de censura pode ter relação com um traço de sua subjetividade que Célia não queria que fosse parte da imagem que seus escritos criavam de si, traço que escapa a esta leitura. Entretanto, sua autocensura pode ser lida e denuncia a remoção de indesejados vestígios de si. Isso ocorreu a partir do momento em que Célia conheceu os escritos de Clélia e os confrontou com a ideia de sujeito que tinha da irmã. Parece que então ela percebeu que os sentidos extrapolam as intenções do autor e ganham vida própria em contato com o leitor. Essa compreensão pode explicar a destruição de seus diários, barrando o acesso à intimidade e às emoções de épocas passadas. Embora fosse uma mulher à frente de seu tempo,¹⁵ Célia também estava sujeita às relações de poder que determinam o campo de expressão feminino. Seus escritos não eram simples forma de rememoração, eles tinham destinatários, conforme dedicatória no *Livro de família 3* (1995b). A destruição pode ocorrer para a ocultação de um segredo ou para a preservação de uma determinada imagem de si. O fato é que “[...] a destruição das escrituras privadas revela aspectos marcantes do valor nelas depositado, bem como impõe alguns entraves ao seu estudo, sobretudo quando se quer analisar a concretização material do fato de escrever”.¹⁶ (CASTILLO GÓMEZ, 2004, p. 39, tradução nossa)

15 Célia tinha formação técnica em Contabilidade, ingressou no mercado de trabalho nos anos 1940 do século XX e fazia questão de que suas filhas estudassem e trabalhassem, a despeito de se casarem.

16 Texto original: “[...] la destrucción de las escrituras privadas revela aspectos notables del valor depositado en ellas al igual que impone algunas rémoras para su estudio, sobre todo cuando se quiere analizar la concreción material del hecho de escribir”.

Além dos escritos ordinários que manteve e que incluía a produção de variados gêneros, conforme Quadro 1, a coleção de Célia é composta ainda de 128 cartas endereçadas a ela, por seu pai e outros correspondentes, e um volume expressivo de documentos, do qual fazem parte cartões de felicitações, calendários, lembranças de batismo e de primeira comunhão, documentos pessoais, recibos de depósitos, convites, fotografias, recortes de jornal e diversos outros artefatos da memória que passaram a compor seu novo baú de escritos, aqueles cujo acesso não foi censurado, mas que não serão abordados nas breves linhas deste capítulo.

Célia também escreveu diário de viagem. Segundo seus registros, ela fez várias viagens, mas apenas um diário compõe o acervo. Trata-se de sua ida ao Rio de Janeiro no período 15 de setembro de 1984 a 22 de outubro de 1984. O diário contém apenas os dias e os meses, mas o ano foi recuperado a partir de anotação no *Livro de família 3* (1995b). Embora tenha sido uma viagem de turismo e de reencontro com amigos e familiares, o tom de seu diário de viagem segue a retórica dos diários pessoais, aproximando os dois gêneros. Ela cita os locais por onde passa, os restaurantes, lojas etc., mas não faz uma descrição das características dos lugares. Relata as impressões que os eventos lhe causam, como se sente, o que pensa das pessoas com quem se encontra etc. Isso dá ao seu texto um caráter autobiográfico, muito próximo da escrita de si: “5ª feira 27 [...] Fiquei admirada [...] com a festa de S. Cosme e Damião. Imagine que se distribui doces e bombons e até brinquedos [...] Pensa que são crianças pobres e maltrapilhas? Não. [...] Adorei, adorei, adorei. Valeu! Como valeu”. (FERREIRA, 1984, f. 5r-5v)

Seu texto também oferece vestígios de suas práticas relativas à leitura, à escrita e à produção de memórias: “5ª feira 4 out [...] Hoje comprei o livro que falta para minha coleção e umas bobagens p^a Yuri e Yeddo. Se tivesse ‘gaita’ era mais fácil. Tem um teleférico e uma pista para Sky. Comprei muitos postais para documentar”. (FERREIRA, 1984, f. 11v-12r) Embora seu caderninho gasto, com capa temática do Sítio do Pica Pau Amarelo, abrigue um texto prevalentemente em retrospectiva, como são os diários, há momentos em que o tempo presente e até o futuro aparecem: “Dia 28 – sexta. [...] Estou momentaneamente

sozinha. Depois do almoço vou com Andrea encontrar Sonia para passear. Depois eu conto”. (FERREIRA, 1984, f. 6r) Seu diário é cheio de rasuras e de anotações nas margens, o que lhe dá um aspecto orgânico e vivo. Ainda que ela se dirija a esse leitor implícito quando diz “Depois eu conto”, seu texto é genuinamente ordinário. (FABRE, 1993) Na escala de descendentes, ela é a primeira a retomar o gênero diário de viagem, produzido pelo patriarca, mas não será a única, como será visto a seguir.

Ana Elisabete Bezerra Xavier Coutinho: guardiã de memórias

Ana Elisabete Bezerra Xavier Coutinho é bisneta de Egydio Lopes d’Almeida, a quarta e atual guardiã do acervo dos Lopes d’Almeida. Nascida em Salvador, em 6 de janeiro de 1953, é membro da quarta geração de escreventes a manter uma prática de escrita ordinária. Foi a primeira mulher a se formar em Engenharia Mecânica na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 1976, curso escolhido para satisfazer um desejo de sua mãe (Célia), que sonhou em ser engenheira, mas foi impedida após o casamento. É importante destacar que a escolha desse curso nessa época causa uma certa surpresa, pois há uma construção social (LOURO, 2004) introjetada na sociedade que leva homens e mulheres a escolherem profissões a partir de “vocações” femininas ou masculinas. A Engenharia, da área de exatas, seria então uma profissão tipicamente masculina. No entanto, Ana Elisabete não apenas cursou Engenharia Mecânica, como foi apoiada por sua mãe. Conforme relatado anteriormente, outros entraves poderiam se interpor na vida de uma mulher, como ocorreu com Graça.

Ana Elisabete, como disse em entrevista, conheceu todos os escreventes que têm texto no acervo, exceto Egydio. Ela também é guardiã do legado familiar que lhe chegou pela oralidade. Personifica a avó que, nos termos de Myriam Moraes Lins de Barros (1989, p. 35), reconstrói sua história e a “[...] história do modelo familiar, através de caminhos já marcados por lembranças suas e de seu grupo [...]”. A reconstrução desse caminho é necessária para estabelecer a identidade atual na família”. Como defende Lins de Barros (1989, p. 35), a avó vê em seus

antecessores modelos a serem seguidos e nos objetos-memória “[...] partes de um passado, [...] símbolos da família, dos laços de descendência, que podem ser transcritos como bens que contêm uma história”.

Os escritos de Eduardo Pinheiro Xavier, de quem Ana Elisabete é viúva, também estão sob sua guarda. São dois diários pessoais, dois cadernos com resenhas de futebol de botão, poemas, listas de namoradas com *status* da relação etc. Os textos foram escritos durante a adolescência do jovem, nos anos 1960, e foram incorporados ao acervo dos Lopes d’Almeida.¹⁷ Conforme Gomes (1996, p. 21), “O guardião [...] tem como função primordial ser um ‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/ possui as ‘marcas’ do passado [...]”.

Além do trabalho de guarda-memória, Ana Elisabete está encarregada de transmitir os “[...] bens simbólicos às gerações seguintes [...], fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa idéia [...] está presente a noção de um tempo que se repete [...]”. (LINS DE BARROS, 1989, p. 36) Afora a manutenção da tradição familiar, respeitando o capital cultural (BOURDIEU, 2007) de que é herdeira, Ana Elisabete manteve uma prática de escrita que consistia na citação de poemas ou letras de músicas, trechos de suas leituras e, algumas vezes, uma reflexão própria. Em seus escritos há citações de Vinicius de Moraes, Thiago de Melo, Dalai Lama, Fernando Pessoa, entre outros. O suporte de sua escrita é um livro/agenda da editora Tribo, em capa dura e espiral, famosa nos anos 1990 entre intelectuais e pessoas descoladas. O volume em questão é uma edição que reúne alguns textos publicados em agendas dos anos de 1990 a 1999, denominado *Resumo da Ópera*. Trata-se dos melhores momentos do *Livro da Tribo*, como era chamada a agenda. São 252 páginas, das quais as seis primeiras, em papel revista, estão assim organizadas: f.1r: informações editoriais; f.1v: dados do proprietário na parte de cima e dados da editora na parte de baixo; f.2r: editorial; do fólio 2v até f.6v há citações e ilustrações. Os demais fólios estão numerados até a página 252. Todos os textos foram escritos com esferográfica na

17 Tais materiais não serão objeto de análise neste momento, por conta dos limites do capítulo.

cor lilás – que já demonstra alguns sinais de oxidação –, o que remete a um certo senso de organização da escrita e talvez a uma menor espontaneidade nos registros. Sem datação impressa, a agenda é atemporal. Nem todas as páginas foram utilizadas.

Conforme editorial do livro/agenda, as edições comemorativas são organizadas nos temas: pessoa, relação, conhecimento e sociedade. O tema do volume utilizado por Ana Elisabete é “Pessoa: sobre o indivíduo e seus processos”. Importa pensar na relação desse tema com sua prática de escrita, que, a partir do fólio 7r, transcreve poemas e trechos de músicas. Tal prática põe em evidência suas leituras e cria um estoque de pensamentos a serem revisitados, num gesto de constituição de si, assemelhando o documento aos *hypomnemata*, “[...] livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” na Antiguidade¹⁸ (FOUCAULT, 1992, p. 134-135), cujo uso como livro de vida tornou-se corrente, sendo suporte de notas sobre condutas exemplares, leituras, reflexões etc. Constituíam-se como “[...] memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas [...]”. (FOUCAULT, 1992, p. 135) A constituição de si difere da escrita de si, pois a segunda consiste num gesto confessional. É a escrita etopoiética.¹⁹ Apesar da verossimilhança, ressalve-se que não se deve cometer o engano do anacronismo. A escrita de si é, conforme Chartier (1991), um gesto moderno relacionado à constituição do homem como sujeito de direitos.

Afora a constituição de si, no que tange à elaboração da memória, evidencia-se na escrita de Ana Elisabete um acervo para recordação de eventos e para reviver emoções, gesto que todo indivíduo experimenta, seja por meio da escrita ou pela reunião de outros artefatos. Tais atos evocam leituras com as quais a autora se identifica e que têm alguma representação para o momento em que escreve, para seu passado ou para o futuro. O *Livro da Tribo* apresenta uma proposta de interação com o escrevente, provocando diálogos com os textos impressos, como ocorre na página 134. O texto do livro, escrito na diagonal da página, em caixa alta, questiona: “Por que ter medo da morte? Enquanto somos,

18 Conforme Foucault (1992), Sêneca defendia que era preciso ler, mas escrever também, e Epitecto defendia a escrita como exercício pessoal.

19 Apoiado nas leituras que fez de Plutarco.

a morte não existe; e quando ela passa a existir, nós já deixamos de ser. Epicuro” (MELLO; GARBELLINI, 2003, p. 134) O texto do filósofo grego é um convite à reflexão sobre a ansiedade que quase todos experimentam sobre o futuro e sobre a finitude. A escrevente responde com o seguinte texto: “Toda vez que me sinto muito feliz acho que já posso morrer... Preciso mudar. Quando me sentir assim como hoje, feliz, feliz, feliz... Quero ser eterna. Bete. Cavalo Russo²⁰ – 22/06/04”. (COUTINHO, 2004, f. 67v.)

É interessante perceber o diálogo e o sentimento de finitude que assombram os humanos desde tempos imemoriais... talvez isso explique o trabalho de sedimentação da memória que a prática da escrita ajuda a pôr em curso... Sobre a reflexão de Ana Elisabete, em um capítulo denominado “As metáforas da viagem” (2003, p. 26), Otávio Ianni diz que o viajante não apenas se encontra, mas também pode se reencontrar, “[...] já que se descobre o mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser uma manifestação extrema de desenvolvimento do eu”.

A reflexão de Ana Elisabete se refere a um episódio relatado em um dos dois diários de viagem que escreveu. A primeira viagem, registrada entre as páginas 123 e 139, foi para Natal (RN), para onde ela foi a trabalho, em 15 de setembro. O ano não foi especificado, mas é possível que tenha sido 2003, ano em que a agenda foi lançada. A segunda viagem, registrada entre 19 de junho e 3 de julho, foi narrada entre as páginas 178 e 198, o que leva a crer que ocorreu posteriormente à primeira. A única data completa (22 de junho de 2004) foi inserida na página 134, referindo-se a um local da segunda viagem. O registro foi feito ali em diálogo com o texto de provocação. Todavia, isso pode indicar que os textos foram passados a limpo, pois a página 134 está no relato da primeira viagem. Em sua viagem para Natal, juntaram-se a ela seu esposo e seu sogro. Foram de avião, ela no dia 15 e eles no dia 16 de setembro. Seu primeiro registro foi sobre dados do voo e horário de chegada, e o segundo sobre afazeres laborais. Ela registrou suas atividades e a dos companheiros de viagem, que foram buscá-la no trabalho com o carro

20 Localidade do vilarejo de Sítio do Conde, litoral norte de Salvador.

que haviam alugado. No mais, anotou os locais em que se hospedaram, passeios, restaurantes, pontos turísticos etc., sempre em retrospectiva. Suas descrições acerca das refeições que fizeram oferecem um ótimo material para as pesquisas sociais do futuro. O diário escrito por seu bisavô não dava pistas do cardápio disponível no navio em que viajou ou dos locais em que fez alguma refeição, mas Ana Elisabete é bastante descritiva a esse respeito: “Comemos um ensopado de camarão com feijão verde, aimpim e arroz, regados a manteiga de garrafa. O chamado ensopado é delicioso”. (COUTINHO, 2004, f. 63v)

Na página 135, Ana Elisabete introduz o seguinte: “Comentários de Batman e Robim a respeito de minhas anotações”. (COUTINHO, 2004, f. 68r) Ela transcreve observações de seu esposo e do sogro, que discordam de alguns de seus registros, e outras notas bem-humoradas do sogro, que escreve, por seu próprio punho, o seguinte trecho: “Nota do Redator Chefe: O trio formado por Bete, Regi e Coutinho, denominado ‘Trio Elegante’ gosou das delicias de tudo que aconteceu de bom e outras coisas, que deu um toque das maravilhas que fez bem ao corpo material bem com ao espiritual”. E seu esposo continua: “O único defeito desse nosso inesquecível passeio é que está se findando. Foi muito, muito bom. Estou uns 30 anos mais jovem [...]. Minha preta deve estar com 25 anos, apesar de desconjuntada”. (COUTINHO, 2004, f. 68r)

A segunda viagem foi pelo Litoral Norte, de Salvador (BA) até Aracaju (SE). Seu relato, predominantemente em retrospectiva, tem um caráter turístico e dá conta da paisagem, dos locais de hospedagem, do atendimento, dos cardápios e dos amigos e familiares com quem se encontraram. Prevalece ainda um caráter intimista em que a subjetividade se faz presente:

22/06 – [...] Mais dias, mais lugares lindos. Poças e Cavallo Russo. [...] Voltamos à tardinha acreditando ainda mais na existência de Deus. Para qualquer lugar que olhassemos lá estavam: mar, rio, mangue, coqueiral, céu, nuvens e seres vivos os mais diversos... E eu, me senti divina.....
(COUTINHO, 2004, f. 96f)

Embora a escrita de si esteja presente em seu discurso, seu diário de viagem é tipicamente de turismo, com predomínio para a descrição das sociabilidades desenvolvidas nos locais por onde passaram e para

as belezas naturais. Nisso seus escritos se distinguem dos diários de viagem de Célia, sua mãe, em que a escrita de si dá o tom dos relatos. O diário de viagem de Egydio, por sua vez, distingue-se dos relatos de ambas. Isso tem relação não só com a própria transformação dos gêneros textuais, que não são estanques, mas também com o perfil dos diaristas. A viagem de Egydio, que seguia só, era de reconhecimento do lugar, não propriamente de turismo. Seus relatos dão conta de aspectos históricos e da topografia dos locais por onde passou, assim como de alguns avanços socioculturais de algumas localidades.

Considerações finais

Conforme disse Gimeno Blay (2001), a memória escrita triunfa sobre a oralidade e permite que se elaborem os mais diversos textos para o futuro, documentos que se difundem e definem identidades sociais, individuais e coletivas. Tais textos, quando sobrevivem ao tempo, à negligência, à censura e a outros agentes, permitem que a HSCE esteja comprometida com a investigação do passado através do olhar desprezioso das pessoas comuns e pelo modo como lidavam com as formas de produção, de uso e de conservação dos escritos. Assim, conhecer a produção dos textos-memória de uma família, elaborados e produzidos ao longo de um século, lançando luz sobre quem eram essas pessoas, por que escreveram, sobre qual materialidade, sob quais condições e as funções sociais de seus escritos é tarefa a que esta historiadora da cultura escrita não poderia se furtar. Conhecer o traço do homem culto que amava a educação, como também as recomendações para uma vida sem pecados e mais próxima de Deus, as sociabilidades das famílias que viveram o longo século XX e acompanhar os registros do efêmero presente nas viagens que empreenderam são atividades que fazem compreender um pouco do que foi o século XX e o que ele representou para a sociedade que então ia adquirindo mais intimidade com as habilidades de ler e escrever.

O século XX foi, sem dúvida, um século em que a escrita foi vedete. Aprender a escrever e efetivamente fazê-lo representou um divisor de águas que demarcou aspectos bem mais profundos que os da

alfabetização, pois a escolarização foi um recurso disponível sobretudo a pessoas privilegiadas. Nesse sentido, os Lopes d’Almeida foram muito agraciados, pois fizeram parte de um seletivo grupo de letrados que deixou testemunhos primorosos. Seus textos são de mais alta importância para o conhecimento de sociabilidades, do passado recente e de um passado mais recuado. Conforme disse Castillo Gómez (2004), esse tipo de texto parece voltado para o futuro, apresenta testemunhos como se seus autores estivessem pensando na história, em alguma forma mais ampla e justa de história.

Se isso foi projeto de Egidio, deu certo. Se seu diário visava à difusão de uma prática familiar, funcionou. O *Livro do papai* permaneceu como legado e fomentou a memória e os valores familiares, dentre os quais a educação e a prática de escrita despontam como elementos essenciais. Seus descendentes escreveram e o diário de viagem permanece como o fio de Ariadne a unir a escrita dos que lhe sucederam nas práticas ordinárias de escrita de si.

Referências

- ALGRANTI, L. M. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América portuguesa (1750-1821)*. 2001. Tese (Livre docência em História do Brasil) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.
- ALMEIDA, M. E. L. *Livro de família 1*. [S. l.: s. n.], 1941. (Coleção Egidio Lopes d’Almeida).
- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 393-410.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p. 261-269.
- BARROS, J. D’ A. Os livros de linhagens na Idade Média portuguesa. A constituição de um gênero entre a genealogia e a narrativa. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 25, p. 74-101, 2011.

BELLINI, L. Vida monástica e práticas da escrita entre mulheres em Portugal no Antigo Regime. *Campus Social*, Lisboa, n. 3-4. p. 209-218, 2006-2007. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/1941/1/artigos12.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

CARDONA, R. G. *Sociologia de la escritura*. In: BIXIO, A. L. (trad.). *Antropologia de la escritura*. Barcelona: Gedisa, 1994. p. 87-126.

CASTILLO GÓMEZ, A. Das mãos ao arquivo: a propósito da escrita das pessoas comuns. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 223-250, 2003a.

CASTILLO GÓMEZ, A. *Entre la pluma y la pared*. Una historia social de la escritura en los Siglos de Oro. Madrid: Akal, 2006.

CASTILLO GÓMEZ, A. Escritas, textos e leituras: formas de fazer história da cultura escrita. In: PATRIOTA, R.; RAMOS, A. F. *Escritas da história: circulação, leituras e recepções*. São Paulo: HUCITEC, 2017. p. 55-96.

CASTILLO GÓMEZ, A. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 5, p. 93-124, 2003b. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38710/20239>. Acesso em: 20 set. 2021.

CASTILLO GÓMEZ, A. Hojas embetunadas y libros en papel: escritura y memoria personal en la España moderna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 37-65, 2004.

CASTILLO GÓMEZ, A.; SÁEZ, C. Paleografia versus Alfabetização. Reflexões sobre História Social da Cultura Escrita. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 164-187, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v2i1.324>. Acesso em: 2 dez. 2020.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

- CHARTIER, R. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (org.). *História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 113-159.
- CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- COUTINHO, A. E. B. X. *Diário de viagem*. [S. l.: s. n.], 2004. (Coleção Ana Elisabete Bezerra Xavier Coutinho).
- FABRE, D. (org.). *Écriture ordinaire*. Introduction. Paris: Centre Georges Pompidou. Bibliothèque Publique d' Information, 1993.
- FARIAS, A. C. S. *Escrita privada à margem direita do Rio São Francisco no início do século XX*. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- FARIAS, A. C. S. *Escritos e guardados: cem anos de escrita privada de uma família baiana ao longo do século XX*. 2023. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.
- FERRARO, A. R. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, 2002.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, C. A. G. *Diário 1*. [S. l.: s. n.], 1991. (Coleção Célia Almeida Gil Ferreira).
- FERREIRA, C. A. G. *Diário 5*. [S. l.: s. n.], 1995a. (Coleção Egidio Lopes d'Almeida).
- FERREIRA, C. A. G. *Diário de viagem*. [S. l.: s. n.], 1944. (Coleção Egidio Lopes d'Almeida).
- FERREIRA, C. A. G. *Livro parental*. [S. l.: s. n.], 1953. (Coleção Egidio Lopes d'Almeida).
- FERREIRA, C. A. G. *Livro de família 2*. [S. l.: s. n.], 1974. (Coleção Egidio Lopes d'Almeida).
- FERREIRA, C. A. G. *Livro de família 3*. [S. l.: s. n.], 1995b. (Coleção Egidio Lopes d'Almeida).

- FOISIL, M. A escritura de foro íntimo. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 113-159.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.
- FRANCO, S. M. C. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/yf3Vhr4DkQjgJSpXB7NRWN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.
- GARCEZ, A.; SENA, C. P. *Juazeiro: trajetória histórica*. Juazeiro: Pref. Municipal de Juazeiro: Gráfica Gutenberg, 1992.
- GIMENO BLAY, F. Conservar la memoria, representar la sociedad. *SIGNO: Revista de História de Cultura Escrita*, Alcalá de Henares, n. 8, p. 275-29, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/58907941.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.
- GOMES, A. C. (org.). A guardiã da memória. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, 1996.
- GOMES, A. C. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-61.
- IANNI, O. As metáforas da viagem. In: IANNI, O. *Enigmas da modernidade-mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 11-31.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LINS DE BARROS, M. M. Memória e família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277>. Acesso em: 17 set. 2022.
- LOPES D'ALMEIDA, E. *Livro do papai*. [S. l.: s. n.], 1909. (Coleção Egydio Lopes d'Almeida).

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, M. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELLO, D. de; GARBELLINI, R. *Resumo da ópera: os melhores momentos do livro da tribo, 1990-1999*. São Paulo: Ed. da Tribo, 2003.

MIGNOT, A. C. V. Por trás do balcão: os cadernos da Coleção Cívica da Casa Cruz. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III: séculos XIX-XX*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 363-378.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-23, 1993.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EdUSC, 2005.

PETRUCCI, A. Para a história del alfabetismo y de la cultura escrita: métodos, materiales y problemas. In: PETRUCCI, A. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona. Gedisa Editorial, 1999. p. 25-39.

Sobre as organizadoras

Eliana Correia Brandão Gonçalves

Doutora em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (PPGLL/UFBA) e professora adjunta do Instituto de Letras da UFBA. É docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA, na linha de Linguística Histórica, Filologia e História da Cultura Escrita, coordenadora do Grupo de Estudos Filológicos e Lexicais (GEFILL) da UFBA e pesquisadora do Nova Studia Philologica.

E-mail: elianabrand7@gmail.com.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2864195573613178>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1064-5382>

Emília Helena Portella Monteiro de Souza

Doutora em Letras e Linguística, professora associada IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Faced/UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da mesma instituição na área de História e Funcionamento das Línguas Naturais, na linha de Linguística Histórica, Filologia e História da Cultura Escrita (LHFHCE). Desenvolve pesquisa na área de linguística, língua portuguesa e escolarização, bem como coordena o grupo de pesquisa Língua portuguesa e Escolarização na Bahia nos Séculos XVIII e XIX: questões sócio-históricas e linguísticas. Realiza estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB).

E-mail: emiliahelena.pm@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9013965768793335>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0463-4804>

Norma Suely da Silva Pereira

Doutora em Letras e Linguística (2008) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora associada do Instituto de Letras da UFBA, atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC). Coordena o Grupo de Estudos Escrita e Práticas Culturais (GEPCult), vinculado ao grupo de pesquisa Nova Studia Philologica, cadastrado no Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atua nas áreas de Filologia, Paleografia, Lexicografia, Terminologia e Onomástica em interface com as práticas culturais na América Portuguesa.

E-mail: normasuelypereira@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6685590594527900>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4249-2042>

Sobre os autores

Adilson Silva de Jesus é mestre e doutor em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA) e professor de língua portuguesa e redação na rede privada de ensino em Feira de Santana.

E-mail: adilsonsj@ufba.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9012795436468330>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4355-4612>

Álvaro César Pereira de Souza é doutor em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA), mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), professor da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe e professor da Universidade Tiradentes (Unit).

E-mail: acpsouza@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3264069209667473>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0775-8012>

Ana Cristina Santos Farias é doutora em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA) e professora de Estágio Supervisionado I e II de Língua Portuguesa da Faculdade de Educação da UFBA, sob contrato temporário.

E-mail: farias.cristina@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5819077408282135>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0324-193X>.

Ana Sartori é doutora em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA) e professora adjunta de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA.

E-mail: anasartorii@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0623706211958431>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9309-957X>

Beatriz de Freitas Cardenete é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: beatriz.cardenete@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2319248777333382>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2592-7518>

Carla Carolina Ferreira Gomes Querino é mestre em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA).

E-mail: carolquerino17@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0848314793173431>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9468-8648>.

Celestino Bourroul Neto é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5776532565833287>

Cléber Ataíde é doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professor na graduação e pós-graduação na Universidade Federal de Pernambuco e coordena o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) e o Projeto para História do Português Brasileiro (PHPB) em Pernambuco.

E-mail: cleberataide@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4301066659702331>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9340-9977>

Daianna Quelle da Silva Santos da Silva é doutora em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

E-mail: daiannaquelle@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6994564416405863>

Edivalda Alves Araújo é professora associada de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA.

E-mail: edivalda.araujo@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7786521174460732>

Eliana Correia Brandão Gonçalves é doutora em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (PPGLL/UFBA), professora adjunta do Instituto de Letras da UFBA e docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA.

E-mail: elianabrand7@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2864195573613178>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1064-5382>

Emília Helena Portella Monteiro de Souza é doutora em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (PPGLL/UFBA), professora associada da Faculdade de Educação da UFBA e docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA.

E-mail: emiliahelena.pm@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9013965768793335>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0463-4804>

José Amarante Santos Sobrinho é doutor em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA), professor de Língua e Literatura Latinas do Instituto de Letras da UFBA e docente credenciado no PPGLinC/UFBA.

E-mail: prof.amarante@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1972144069026603>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7316-9526>.

Leonardo Lennertz Marcotulio é professor auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, em Portugal.

E-mail: lmarcotulio@ua.pt

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6527469656003737>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8227-5144>

Luane Ribeiro da Conceição é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA).

E-mail: luahribeiro@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8236775372571876>

Orcid: 0000-0003-3630-6397

Marcos Breno Andrade Leal é mestre em Gestão da Informação e do Conhecimento pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

E-mail: mbmbal7@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6632394702410416>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4983-1203>

Maria Elisa Lima de Souza é mestranda em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: marialimaelisa@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9618176277378879>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0729-2221>

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda é doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

E-mail: marianafagundes@uefs.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6332025713585581>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4335-3458>

Norma Suely da Silva Pereira é doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), professora associada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da mesma instituição.

E-mail: normasuelypereira@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6685590594527900>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4249-2042>

Phablo Roberto Marchis Fachin é doutor em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma instituição.

E-mail: phablo@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7084449649297715>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2283-3906>

Patrícia Santos de Jesus Brito é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS).

E-mail: patysantosjesus@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6570128533264686>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8247-1919>

Renata Ferreira Costa é doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e professora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

E-mail: renataferreiracosta@yahoo.com.br.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2288175522295750>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4263-4955>

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz é doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

E-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5409685591381466>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8698-3367>

Thiago Trindade Matias é doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor da graduação na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no *campus* do sertão. Coordena o Laboratório de Estudos e Documentação Linguística e Literária (LEDoLL) e o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), na equipe regional Alagoas.

E-mail: thiago.matias@delmiro.ufal.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5647526611833368>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5960-9131>

Ticiania Kilpp Leiria é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA).

E-mail: ticianakl@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0235696467800280>

Vanessa Martins do Monte é doutora em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma instituição.

E-mail: vmmonte@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0040607089264729>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4929-5298>

Zenaide Oliveira Novais Carneiro é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora plena da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

E-mail: zoncarneiro@uefs.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5992506414152580>

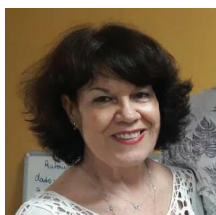
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5990-4854>

Formato: 17 x 24 cm
Fontes: Iowan Old Style, Futura e Barlow condensed
Extensão digital: PDF



Eliana Correia Brandão Gonçalves

é doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde atualmente é professora adjunta do Instituto de Letras e docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC). Coordena o Grupo de Estudos Filológicos e Lexicais (Gefill).



Emília Helena Portella Monteiro

de Souza é doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde é professora associada da Faculdade de Educação (Faced) e docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC).



Norma Suely da Silva Pereira

é doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde atualmente é professora associada do Instituto de Letras e docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC). Coordena o Grupo de Estudos Escrita e Práticas Culturais (GEEPCult).

História das práticas filológicas, linguísticas e socioculturais da escrita: diferentes perspectivas é uma coletânea que apresenta diversos trabalhos de professores e pesquisadores brasileiros de vários estados que vêm desenvolvendo projetos e pesquisas com temas de abordagem ampla relativos às áreas de Filologia, Linguística Histórica e História da Cultura Escrita. O livro tem como público-alvo docentes, pesquisadores, discentes das áreas de Letras, Linguística e História e demais interessados pela temática desenvolvida na coletânea. O livro promove uma discussão que tem em comum a escrita, considerando um diálogo interdisciplinar entre a Filologia, a Paleografia, a História, a Linguística Histórica e a História da Educação, a fim de analisar os usos filológicos, históricos, linguísticos e culturais da escrita nas sociedades históricas.



PPGLinC
Programa de Pós-Graduação
em Língua e Cultura



ISBN 978-65-5630-551-6



9 786556 305516